



# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

## A cartografia primitiva da baía de Paranaguá (séculos XVI-XVII) e os limites da América Portuguesa

Jefferson de Lima Picanço - jeffpicanco@ige.unicamp.br ; Maria José Mesquita - mariamesquita@ig.unicamp.br ;

Paranaguá, Tordesilhas, Cartografia, Mineração

Este trabalho busca resgatar, por meio de fontes documentais escritas e mapas, alguns dados novos sobre a história da baía de Paranaguá, situada no atual estado do Paraná, Brasil, nos dois primeiros séculos da ocupação portuguesa da América. A palavra Paranaguá significa, em tupiguarani antigo, “mar interior”, baía ou lagoa grande. Tem o mesmo significado da palavra tupiguarani Guanabara. A baía de Paranaguá despertou pouca atenção no início da exploração colonial. Um dos prováveis motivos é a sua localização: apesar de ser a reentrância mais ocidental da costa leste brasileira, não possui grandes rios que possam estabelecer uma comunicação imediata com o interior. A grande barreira da Serra do Mar acompanhando a costa, com elevações de até 1800 m, fez com que demorasse quase duzentos anos para que seus estreitos vales se constituíssem num caminho viável para o planalto. Outro motivo importante é de natureza política e geográfica: a baía de Paranaguá situava-se na “terra de ninguém” entre os estabelecimentos portugueses e castelhanos nesta parte da América, por causa das ambigüidades do tratado de Tordesilhas. Esta disputa, ao longo de quase todo o período, também contribuiu para retardar a ocupação portuguesa da região. Nos mapas do século XVI o topônimo Superagui é mais freqüente que o topônimo Paranaguá nos relatos de viagens e nos mapas produzidos no início da ocupação portuguesa até o começo do século XVII. Hans Staden, marinheiro alemão, é o primeiro europeu a citar a ilha de Suprawai (Superagui), hoje somente uma das ilhas da porção norte da baía de Paranaguá, onde Staden e seus companheiros naufragaram em 1549. É de Hans Staden, em seu livro “Historia verdadeira e descrição de um país (...) no novo mundo denominado America” (1557), a primeira representação da baía de Paranaguá e suas três barras. O topônimo Paranaguá é encontrado nos mapa-múndi pela primeira vez a partir do início do século XVII. Isso parece confirmar que a baía de Paranaguá não atraiu de imediato a atenção dos colonizadores, e que o seu acesso primitivo era feito a partir da vila de Cananéia, por Superagui. A barra de Paranaguá, cujo acesso principal era feito pela barra do norte, exigia mais cuidados de navegação. Seu uso deve

# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



ter sido mais freqüente somente a partir da fundação da vila de Paranaguá, em 1648. O atual acesso pelo Canal da Galheta só se tornou viável a partir de meados do século XX. A primeira referência ao topônimo “Paranaguá” em documentos escritos é de 1614, com a concessão da sesmaria a Diogo de Unhate. A primeira representação cartográfica exclusiva da baía de Paranaguá é o mapa de João Teixeira Albernás I, o velho, no “Atlas do Estado do Brasil” (1631). Feito com base nas observações de D Jerônimo Ataíde, sexto Conde de Atouguia, para o cartógrafo português João Albernás, esta planta representa tão somente as três entradas de sua barra, que era todo o conhecimento que se tinha do interior da baía até meados do século XVII. Outro detalhe importante no mapa é a representação dos limites da capitania de São Vicente, na época disputada pelos descendentes de Martim Afonso de Souza. A primeira planta detalhada da baía de Paranaguá data de 1653 e é executada provavelmente por Pedro de Souza Pereira, no auge da exploração aurífera na região. Este mapa, além das feições geográficas reconhecidas, tais como ilhas, promontórios, rios, a serra do mar e as “vilas” de Curitiba e Paranaguá, é um dos primeiros a mostrar com riqueza de detalhes o interior da baía. Nele consta a localização das minas de ouro de Paranaguá em vales dos rios Cubatão, Cacatu, Cachoeira e Faisqueira. A barra norte e a barra sul foram sondadas por Pedro de Souza Pereira, cuja profundidade em braças consta no referido mapa. Outra representação cartográfica importante é a “Demotração de Pernagoa e Cananéia”, de 1666, de autoria de João Teixeira Albernáz II, ou o Moço. Nela percebe-se a representação detalhada do interior e das minas de ouro, exatamente como no mapa de Pedro de Souza Pereira, que deve ter servido de base. Este mapa representa, portanto, uma representação mais abrangente de toda a costa, desde Cananéia até São Francisco do sul. A Cartografia histórica da Baía de Paranaguá permite estudar não só as representações geográficas, mas como foi sendo construído durante o século XVII um espaço português, que no século XVI representava, na prática, os limites tacitamente acordados entre espanhóis e portugueses naquele momento. O século XVIII viria a alterar radicalmente estes limites.